

## UMA VIAGEM NAS COMUNIDADES RURAIS DO “GRANDE SERTÃO VEREDAS” EM MINAS GERAIS

**Edmilson Borges da Silva**

Cientista Social e Mestre em  
Sociologia pela Universidade Federal  
de Goiás – UFG.

“As estrelas do céu correm\*...”

Céu com estrelas, céu com luar, céu escuro, cerrado silencioso; silêncio impossível na cidade... estou falando de ribeirões, veredas, vales, brejos e chapadas.

Neste céu onde as estrelas dialogam com sua solidão, é possível sentir no momento religioso de fé na franca manifestação do sertanejo aos Santos Reis – viajam dizendo: “é certeza, é verdade o menino Deus nasceu em Belém” – um sentir cosmológico que nada parece existir, além da vida sofrida, alegre, doída e divertida que a natureza nos legou e os humanos construíram.

O religioso parece não dar conta desta solidão que a humanidade vive com ela mesma.

De casa em casa, os ares medievais em sua música modal, ao som dos Reis, segue o som do lundu, herança africana e a dança do quatro<sup>1</sup>, sempre saudados por fogos na chegada dos foliões, na abertura e no término do canto aos Santos Reis.

\* Trecho de uma música do cancionero popular.

# Revista Posição

Neste céu onde as estrelas dialogam com suas certezas e dúvidas, cujos valores são questionados e a relação entre a cidade e a “mata medonha” imediatamente discutida e comparada, o sertanejo vai de casa em casa abençoando, divertindo, discutindo as relações, e sobretudo, bebendo e comendo, reunindo os/as dispersos, saudando cada vivente.

Em que o passado ajuda o futuro dessa humanidade solitária na sua totalidade, conflituosa nas suas relações e exploradora na sua reprodução?

Multicolor são as penas, variados são os tons que se apresentam no crepúsculo matinal, quando a rede ainda balança no frescor úmido da madrugada de verão. O vento agita a copa da ingazeira, da cagaiteira e de uma variada flora verde depois da primavera e o sol anuncia mais um dia de calor e intensa claridade, em tempos que ela era cotidiana agora é esparsa, a chuva.

O batuque, em dois tempos iguais, anuncia que a primeira vivente pulsa no areal constante do terreiro, ruma à trempe, fora da casa, onde o cerrado seco vira fogo para ferver a água, e logo os que sonham sentirão o aroma do coador.

O despertar vai se dando ao longo da manhã, a conversa das mulheres, suas “rusgas” do giro foliar, suas diferenças vibram cordas da espera, da ansiedade; são conflitos de romeiras que não seguem os mensageiros do anúncio do menino Deus, na madrugada fria da “mata medonha”.

A ladainha, no meio do giro, do advento aos Santos Reis, invoca nossa ancestralidade, convoca e nos mobiliza a pensar, procurar, indagar a origem de uma reza em que frases em grego e latim são cantadas por sertanejas que migraram do serão para o próprio sertão, lavraram a terra e nela constituíram e cuidaram de suas famílias. *Kyrie eleison, ora pro nobis*<sup>2</sup> ... segue o canto inconfundível em que as mulheres o

---

<sup>1</sup> Dança realizada originalmente por um quarteto, adaptada virou uma dança, movida por uma canção, em que duplas dançam e cantam em uma roda e sequencialmente forma dois anéis um dentro do outro.

<sup>2</sup> Senhor, tende piedade (origem no grego) e rogai por nós (origem no latim).

protagonizam numa sala masculina de coadjuvantes. Vivendo em locais que mesmo hoje, o acesso é complicado, em décadas passadas, aprenderam e vivenciaram a fé que ainda professam, fé que é católica?

Um estouro e o polegar direito estraçalhado, na abertura, na saudação ao “nobre morador”, segue a folia com sua reza, após o devido socorro. “Foi Santos Reis que evitou o pior”, mulheres e homens confirmam.

Todos são convocados nos cantos a reverenciar a lapinha “croada de flor”, batendo os joelhos e beijando-a.

Lá vão os cavaleiros que pouco dormem, o banho escasso e com “pinga regradada”, arrancada do morador no lundu, os olhos pequenos e o rosto vermelho do sol e da cachaça, acompanhados por um grupo de “oreia chata<sup>3</sup>”, quebra cercas e barriga verde” atrás da bandeira que o “alfeli” leva em seus braços.

“Oreia Chata” movidos a duas rodas e o ronco de seus escapes, animam o batuque e distância dos demais rituais. Os “quebra cercas” vão atrás da pinga, da mesa farta que vai para além dos foliões, e claro, vão atrás do samba, realizando rituais de conquista que acontecem com certa sutileza e o escuro dos terreiros favorecem o namoro.

Os mensageiros do nascido em Belém, sentem-se incomodados com o desrespeito à bandeira, e assim, o quatro vai se transformando, o inhuma e a guaina<sup>4</sup>, bem como, o coco<sup>5</sup> caindo no esquecimento.

A noite vai descendo, o cavalgar se distanciando em regiões menos habitadas e a folia diminuindo de tamanho. Ao seguir o rastro, “a mata medonha” parece sussurrar

<sup>3</sup> Todos que acompanham o giro de folia e não são foliões, mas, ajudam e colaboram na festa, na fé, aprendem e ajudam na realização da tradição.

<sup>4</sup> Em alguns lugares conhecidas como curraleira e em outros como catira. A moda de viola cantada dá uma pausa e um grupo de, homens geralmente, dançam, sapateia ou samba, a moda é retomada e assim segue.

<sup>5</sup> Uma dupla se desafia jogando versos.

# Revista Posição

os gritos felizes ou as dores de tantos antecessores, que desbravaram o cerrado no sol ou nas águas em abundância do verão.

O silêncio do cerrado parece informar a causa morte: ofendido por cascavel, quatro presas; afogamento ou “esguaritado” e nunca mais encontrado.

Chora os buritis que tantos viram tombar e ora tombam por esgotamento dos brejos.

A mata com seus mistérios, acrescidos dos espíritos que amaram, choraram, gritaram ou silenciaram por obrigação do medo, parece nos comprimir a respeitá-la enquanto há tempo.

Dez dias e noites de extravasamento, rouquidão por excesso de saudade, muita comida, cachaça e uma festa a cada casa, a bandeira chega de onde saiu para rezar o Santos Reis, como convite de casa em casa e, por fim, renova a esperança de “até para o ano que vem”, pois a labuta da sobrevivência sobrepe a alegria de viver e a necessidade de criar e recriar.